

UMA CARTOGRAFIA SOBRE AS RESISTÊNCIAS DE MULHERES MIGRANTES NO SUL DO BRASIL

Sandra Barzallo

Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Betina Hillesheim

Unviersidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

Eixo 2 – Educação, Cultura e Produção de Sujeitos

Na cidade de Venâncio Aires, localizada a aproximadamente 127 km da cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, foi feita uma pesquisa com mulheres migrantes venezuelanas. O objetivo foi procurar entender quais são as formas que estas mulheres migrantes enfrentam os empecilhos relacionados com a migração e como o grupo de mulheres se constitui como um espaço não-escolar que as educa. Para tal, se utilizou a cartografia, conceito trazido pelos filósofos Deleuze e Guattari. Na análise de dados, operou-se com os conceitos de interseccionalidade (Carla Akotirene, 2019) e gênero (Joan Scott, 1995). A pesquisadora, também mulher migrante equatoriana, entende-se também como sujeito de pesquisa, o que coaduna com a proposta da cartografia.

As mulheres têm variados motivos para decidir migrar, e o Brasil, pela sua extensão geográfica, possui fronteira com todos os países da América do Sul, com exceção do Chile e do Equador. Isto faz com que o país se torne um país de destino potencialmente alto, e no caso da Venezuela, como é o caso destas mulheres, o motivo principal para ter tomado a decisão de migrar reside na situação social, econômica e política do país.

Para a realização desta pesquisa, foi necessário compreender o contexto dessa migração contemporânea, possibilitando que se cartografasse afetos, fluxos, campos de força, resistências. É sabido que os migrantes são parte ativa do progresso das sociedades que os recebem, pois eles estão relacionados com as transformações sociais, econômicas e políticas.

Segundo o portal R4V (2022), o Brasil está no quinto lugar de países que tem recebido população venezuelana até setembro de 2022. Para entender como se tem enfrentado essa migração, se deve ter em conta que, desde o momento em que começa a

se tornar mais forte e ativa a diáspora venezuelana no Brasil, surge a necessidade de criar políticas públicas que amenizem a problemática vivenciada pelos estados do norte brasileiro, especificamente, o estado de Roraima e o Estado de Amazonas, nas cidades de Pacaraima e Manaus respectivamente, visto que a quantidade de venezuelanos e venezuelanas nestes locais fez com que alguns serviços colapsassem, como foi o caso da saúde e educação.

Para isto, o governo federal do Brasil, em conjunto com outras organizações como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), lançou o programa chamado “Operação Acolhida” (ALMEIDA, 2022). Assim, também surge a estratégia chamada “Interiorização”, que tem sido uma das estratégias mais importantes dentro das iniciativas implementadas pelo governo federal do Brasil, pois é através dela que se têm ajudado milhares de venezuelanos e venezuelanas a chegarem aos seus destinos no Brasil.

Neste contexto, em janeiro de 2020, antes da pandemia de COVID-19, entre mulheres, homens, crianças e idosos, chegam em Venâncio Aires, RS, em virtude de uma promessa de trabalho por parte de uma empresa do município em questão, 60 migrantes. No que se refere às mulheres desse grupo, algumas deixaram seus filhos na Venezuela, outras viajaram com suas crianças ou, em alguns casos, grávidas.

No total, foram realizados 4 encontros com o grupo de mulheres. É importante destacar que os encontros foram atravessados pela pandemia da Covid-19, e por isso também é necessário marcar que a luta relacionada às vulnerabilidades vivenciadas por estas mulheres, também é compartilhada com a situação da pandemia, pois a doença chegou para criar muita mais vulnerabilidade e precariedade nas mulheres migrantes.

Os encontros aconteceram numa sala de aula dentro do pavilhão de eventos na paróquia São João Mártir, nos meses de novembro e dezembro de 2021. Em cada um dos encontros, a pesquisadora, que também é migrante no sul do Brasil, em conjunto com as participantes, buscaram discutir as questões relacionadas à condição de mulher migrante. Foram levados recursos que foram utilizados como disparadores para conduzir as conversações entre as mulheres, criando um ambiente seguro, de confiança, empatia e apoio entre o grupo, especialmente nos momentos mais sensíveis das conversas.

O número de participantes foi de 5 mulheres: a pesquisadora; mulher migrante, e outras 4 mulheres oriundas de diversas partes da venezuelana. As idades compreendiam de 18 a 60 anos. Quatro das mulheres eram casadas e uma solteira, sendo que duas

chegaram com sua família (esposo e filhas), outra apenas com o seu marido, enquanto a solteira chegou junto com a irmã e sobrinho, e a equatoriana, mulher migrante, que migrou junto com o marido.

A interseccionalidade e o conceito do gênero foram utilizados para entender cada uma das grades analíticas que foram aparecendo ao longo do texto como procedimentos teórico-metodológicos trazidos no que se refere a esta pesquisa. A seguir apresenta-se a discussão e análise dos dados, buscando dar visibilidade às situações relacionadas especificamente às vivências e experiências das mulheres migrantes.

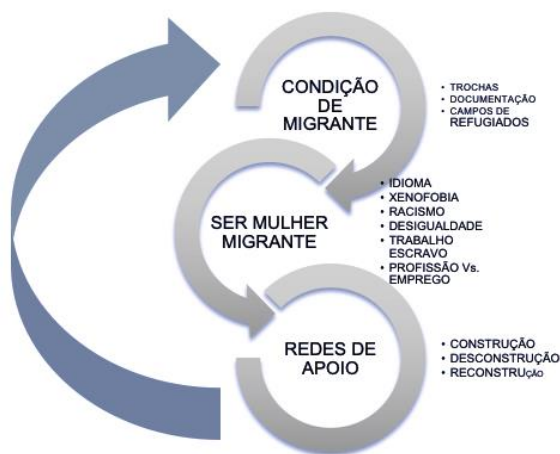
A partir dos dados gerados nos encontros, em conjunto com as participantes, se foi construindo marcadores os quais nos ajudaram a pensar que as migrações não vão parar.



Os marcadores estão colocados numa roda, com setas, sinalizando que se trata de um processo que nunca para, pois quando se inicia algum processo migratório, esses marcadores estarão presentes, aparecendo na medida que o processo de acolhimento não seja o adequado para esses ou essas migrantes. Assim temos a condição migrante, o que é ser mulher migrante, e o processo de tecimento de redes de apoio.

Cada um desses marcadores nasceu a partir dos próprios depoimentos que cada uma das participantes foram trazendo nos encontros, em cada um dos marcadores foi-se apontando os momentos críticos pelos quais cada marcador nasceu.

Em síntese, cada um desses marcadores tem por trás uma série de experiências que foram trazidas por cada uma das participantes, evidenciando-se que cada uma dessas experiências coloca numa posição de vulnerabilidade as mulheres migrantes. A seguir, se mostra um diagrama de como que cada uma dessas experiências de vulnerabilidades foram aparecendo.



Nos depoimentos, apareceram relatos sobre atravessar *trochas*, que são as trilhas utilizadas pelos migrantes para cruzar as fronteiras. Em algumas ocasiões não se tratava apenas de cruzá-la, mas algumas vezes era preciso criar trochas, especialmente no período da pandemia, quando o Brasil fechou suas fronteiras terrestres. Um outro ponto

evidenciado foi a dificuldade que se tem com relação à documentação, algumas mulheres relataram que é possível chegar sem nenhum tipo de documentação ou com a documentação incompleta, ou questões como choques culturais. Assim também a realidade dos campos de refúgios é alarmante, pois se falou sobre desorganização, violência física, roubos, tráfico de pessoas, entre outros.

Pode-se pensar que a ser mulher acarreta uma maior vulnerabilidade no percurso migratório e é por esse motivo que se utiliza o conceito de interseccionalidade pois se volta estreitamente aos problemas relacionados ao racismo, xenofobia, discriminação de gênero, entre outros, visto que, pela interseção de diferentes condições (ser mulher, ser migrante, ser negra etc.), compreende-se que as mulheres migrantes se encontram em uma situação de maior vulnerabilidade. Nesta perspectiva, se deve acrescentar as diferentes situações discriminatórias relacionadas ao domínio da língua, trabalho escravo, assim como a relação entre a profissão das venezuelanas e os tipos de empregos que são oferecidos para elas.

As redes de apoio são consideradas como uma estratégia utilizada pelas migrantes para resistir aos diferentes tipos de abusos e violências vividas durante todo o seu percorrido como migrante. Na medida em que as mulheres migram, vão tecendo uma rede de conexões entre elas mesmas, de acordo com o lugar onde esta rede esteja. Estas mulheres que chegaram na busca de um futuro melhor, também têm chegado para ensinar-nos como se resiste às ações violentas que tanto elas como as suas famílias têm que enfrentar no dia a dia, chegando até o ponto de que se existe algo que não se possa resistir o ciclo de condição migrante começa de novo, dessa vez em um próximo “lugar melhor”.

Finalmente, depois de realizar as análises de dados, afirma-se o as migrações como *migrações femininas*. Não se trata apenas porque as mulheres migram, mas sim porque as situações de migração estão relacionadas aos sofrimentos de discriminação que

as mulheres sofrem, e sobre os processos de resistência que é associado ao fato de ser mulher. Além disso, são as mulheres que edificam as redes de apoio, constituindo espaços educativos que as fortalecem e lhes permitem encontrar estratégias para enfrentar a vida.

Palavras-Chave: Migração. Gênero. Interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Rebeca. Et al. A securitização do humanitarismo: percepções sobre a interiorização de imigrantes venezuelanos no Brasil. Informalidade e proteção dos trabalhadores imigrantes navegando pelo humanitarismo, securitização e dignidade, **OUTRAS EXPRESSÕES**, São Paulo, n.1, p. 13-23, ene/2022. Disponível em: <https://www.politiceconomyoflabour.org/pt-br/Articles/livro-informalidade-e-prote231227o-dos-trabalhadores-imigrantes-navegando-pelo-humanitarismo-securitiza231227o-e-dignidade> Acesso em: 18 out. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso em: 18 out. 2022

R4V, Plataforma de coordinación para Refugiados y Migrantes de Venezuela. Refugiados y migrantes de Venezuela, 2021. Disponível em: <https://www.r4v.info/en/refugeeandmigrants> Acesso em: 28 out. 2022.